

PRÓLOGO DE ZARATUSTRAS

1

Quando Zaratustra tinha trinta anos, deixou a sua terra natal e o lago da sua pátria e foi para as montanhas. Aí, desfrutou do seu espírito e da sua solidão, e, durante dez anos, não se fartou deles. Mas, por fim, o seu ânimo mudou, e, uma manhã, ele levantou-se com a alvorada, apresentou-se perante o Sol e falou-lhe assim:

«Ó grande astro! Qual seria a tua felicidade, se não tivesses aqueles a quem alumias?!»

Durante dez anos subiste até aqui à minha caverna; ter-te-ias saturado da tua luz e deste caminho, sem mim, a minha águia e a minha serpente.

Mas nós esperávamos por ti, todas as manhãs, tomávamos-te o que tens em excesso e abençoávamos-te por isso.

Olha! Estou enfasiado com a minha sapiência, como a abelha que acumulou demasiado mel. Preciso de mãos que se estendam para mim.

Gostaria de oferecer e de repartir a minha sapiência, até que os sábios entre os homens voltem a ter gosto na sua tolice e os pobres na sua riqueza.

Para tanto, tenho de descer ao abismo, como tu fazes, ao anoitecer, quando passas para trás do mar e aindaavas a luz ao mundo subterrâneo. Ó astro riquíssimo!

Tenho, tal como tu, de *declinar*, como lhe chamam os homens, para junto dos quais eu quero descer.

Abençoa-me, pois, ó olho sereno, que és capaz de ver sem inveja mesmo uma felicidade grande de mais!

Abençoa a taça que quer transbordar, para que dela a água corra dourada e a toda a parte leve o reflexo da tua glória!

Olha! Esta taça quer de novo ficar vazia e Zaratustra quer tornar-se humano outra vez.»

Assim começou o declínio de Zaratustra.

2

Zaratustra desceu sozinho das montanhas e não encontrou ninguém. Mas quando entrou nas florestas, surgiu, de repente, diante dele um velho, que deixara a sua santa cabana para procurar raízes na floresta. E o velho falou assim a Zaratustra:

«Este viandante não me é estranho; passou por aqui, há muitos anos. Zaratustra chamava-se ele; mas modificou-se.

Naquela altura, levavas as tuas cinzas para a montanha; queres, hoje, trazer o teu fogo para os vales? Não receias o castigo dos incendiários?

Sim, reconheço Zaratustra. Puro é o seu olhar e nos seus lábios não se oculta a aversão. Não caminha ele por aí como um dançarino?

Zaratustra está modificado. Zaratustra tornou-se criança, Zaratustra está desperto. Que queres tu, agora, encontrar junto dos que dormem?

Como no mar, vivias tu na solidão, e o mar aguentava-te. Ai de ti! Queres pôr pé em terra? Coitado, queres voltar tu próprio a arrastar o teu corpo?»

Zaratustra respondeu: «Amo os seres humanos.»

«Porque», disse o santo, «vim eu, afinal, para a floresta e para o ermo? Não foi porque amava demasiado os homens?

Agora, amo a Deus, não amo os homens. O ser humano é para mim uma coisa demasiado incompleta. O amor ao homem matar-me-ia.»

Zaratustra respondeu: «Porque falei eu de amor?! Levo aos homens um presente.»

«Não lhes dê nada!», disse o santo. «Tira-lhes antes alguma coisa do seu fardo e leva-a juntamente com eles. É o que lhes fará melhor, contanto que a ti, ao menos, te faça bem!

E, se lhes quiseres dar algo, pois não lhes dê mais do que uma esmola, e, ainda assim, deixa que eles te peça!»

«Não», respondeu Zaratustra, «não dou esmola. Não sou suficientemente pobre para isso.»

O santo riu-se de Zaratustra e falou assim:

«Então, trata de que aceitem os teus tesouros! Eles desconfiam dos eremitas e não acreditam que nós venhamos para oferecer.

Os nossos passos, pelas ruas, soam-lhes como demasiado solitários. E tal como de noite, nas suas camas, ao ouvirem um homem a andar, muito antes de nascer o Sol, pois perguntam com certeza a si próprios: “Para onde vai o ladrão?”

Não vás para junto dos homens e deixa-te estar na floresta! Vai até, de preferência, para junto dos animais! Porque não queres ser, como eu, um urso entre ursos, um pássaro entre pássaros?»

«E que faz o santo na floresta?», perguntou Zaratustra.

O santo respondeu:

«Faço canções e canto-as. E, quando faço canções, rio, choro e murmuro; portanto, louvo a Deus.

Ao cantar, chorar, rir e murmurar, louvo o Deus que é o meu Deus. Mas que nos trazes tu de presente?»

Quando Zaratustra ouviu estas palavras, despediu-se do santo e disse:

«Que teria eu para vos dar?! Mas deixai-me ir embora depressa, para que não vos tire nada!»

E assim se separaram um do outro, o velho e o homem feito, rindo, tal como riem dois garotos. Mas quando Zaratustra se encontrou só, falou assim no seu íntimo:

«Será, então, possível? Este velho santo ainda nada ouviu dizer, na sua floresta, de que *Deus morreu!*»

3

Quando Zaratustra chegou à cidade mais próxima, que está situada junto aos bosques, encontrou aí muito povo reunido na praça principal, pois fora-lhe prometido que iria ver um funâmbulo. E Zaratustra falou assim ao povo:

«*Eu ensino-vos o sobre-humano*. O homem é algo que deve ser superado. Vós, que haveis feito para o superar?

Todos os seres, até agora, criaram algo que está para além de si próprios; e vós quereis ser a vazante dessa grande maré e até retornar ao animal, de preferência a superar o homem?

O que é o macaco para o homem? Uma risada ou uma dolorosa vergonha. E é isso mesmo que o homem deve ser para o super-homem: uma risada ou uma dolorosa vergonha.

Haveis percorrido o caminho desde o verme até ao homem, e em vós ainda há muito de verme. Em tempos, fostes macacos, e, ainda agora, o homem é mais macaco que qualquer macaco.

Quem quer que seja entre vós o mais sábio, é também ele apenas uma discrepância e um híbrido de planta e de fantasma. Mas mando-vos eu que vos torneis fantasmas ou plantas?

Vede, eu ensino-vos o sobre-humano!

O sobre-humano é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: *seja* o sobre-humano o sentido da terra!

Suplico-vos, meus irmãos! *Permanecei fiéis à terra* e não acrediteis naqueles que vos falam de esperan-

ças extraterrestres! Envenenadores, eis o que eles são, quer o saibam quer não.

Desdenhadores da vida é o que eles são, uns moribundos, eles próprios envenenados, de quem a terra está farta: pois desapareçam!

Outrora, a ofensa a Deus era o maior ultraje, mas Deus morreu, e, com ele, morreram também esses sacrílegos. Agora, o que há de mais terrível é ultrajar a terra e dar mais apreço às entranhas do inescrutável do que ao sentido da terra!

Outrora, a alma olhava com desdém para o corpo, e, então, esse desprezo era o que havia de mais elevado: a alma queria o corpo magro, repelente e esfaimado. Pensava assim escapar a este e à terra.

Oh! Mas essa alma era ela própria ainda mais magra, repelente e esfomeada; e a crueldade era a volúpia dessa alma!

Mas vós também, meus irmãos,izei-me: que revela o vosso corpo acerca da vossa alma? Não é a vossa alma indigência, imundície e mesquinha satisfação?

Em verdade, o homem é um rio imundo. Há mesmo que ser um mar, para se poder incorporar um caudal imundo sem se ficar turvo.

Olhai, eu ensino-vos o sobre-humano: ele é esse mar, nele pode afundar-se o vosso grande desprezo.

Qual é o máximo por que podeis passar? É a hora do grande desprezo. A hora em que até a vossa felicidade vos mete asco, e, igualmente, a vossa razão e a vossa virtude.

A hora em que direis: “Que importa a minha felicidade? Ela é indigência, imundície e mesquinha satisfação. Mas a minha felicidade deveria justificar a própria existência!”

A hora em que direis: “Que importa a minha razão? Anseia ela pelo saber como o leão pela sua comida? Ela é indigência, imundície e mesquinha satisfação!”